



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS DE CERRO LARGO  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**THAMIRES LUANA CORDEIRO**

**COMPREENSÕES DE GRADUANDOS E GRADUANDAS DA  
ÁREA DE CIÊNCIAS DA NATUREZA SOBRE QUESTÕES DE  
GÊNERO E SEXUALIDADE**

**CERRO LARGO**

**2019**

**THAMIRES LUANA CORDEIRO**

**COMPREENSÕES DE GRADUANDOS E GRADUANDAS DA  
ÁREA DE CIÊNCIAS DA NATUREZA SOBRE QUESTÕES DE  
GÊNERO E SEXUALIDADE.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Gonçalves dos Santos

**CERRO LARGO**

**2019**

**Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Cordeiro, Thamires Luana  
COMPREENSÕES DE GRADUANDOS E GRADUANDAS DA ÁREA DE  
CIÊNCIAS DA NATUREZA SOBRE QUESTÕES DE GÊNERO E  
SEXUALIDADE. / Thamires Luana Cordeiro. -- 2019.  
32 f.:il.

Orientador: Doutora Eliane Gonçalves dos Santos.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
Ciências Biológicas-Licenciatura , Cerro Largo, RS ,  
2019.

1. Gênero. 2. Sexualidade. 3. Ciências da Natureza.  
I. Santos, Eliane Gonçalves dos, orient. II.  
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS- LICENCIATURA  
Rua Jacob Benedito Hauppenthal, 1590, São Pedro, Cervo Largo-RS, CEP 97900-000, Ff 3395-3081  
cmmcbiologicas@ufbf.edu.br, www.ufbf.edu.br

THAMIRES LUANA CORDEIRO

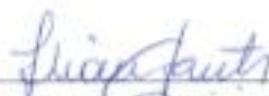
COMPREENSÕES DE GRADUANDOS E GRADUANDAS DA ÁREA DE CIÊNCIAS DA  
NATUREZA SOBRE QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Ciências Biológicas da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientadora: Dra. Eliane Gonçalves dos Santos

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 29/11/2019.

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dra. Eliane Gonçalves dos Santos - UFFS



Prof.ª Dra. Neusete Machado Rigo - UFFS



Prof.ª Dra. Franciele de Abreu Carlan - UFPEL

## **RESUMO**

Gênero e Sexualidade são temáticas polêmicas no contexto atual. A mídia, a sociedade e a forma tradicional do pensamento constroem visões tendenciosas e comprometedoras referentes a estes assuntos. O presente trabalho buscou analisar as concepções de graduandos e graduandas de três cursos voltados a formação de professoras da área de Ciências da Natureza de uma Universidade Pública, referentes aos termos Gênero e Sexualidade. Sobre essa temática, questiona-se, como a Universidade vêm trabalhando essas questões durante o processo de formação inicial de professores? Para o desenvolvimento dessa pesquisa foi utilizado um questionário com questões abertas e fechadas e para análise dos dados utilizou-se a Análise de Conteúdo, da qual emergiram três categorias de análise, a saber, i) Compressões dos/as Licenciados/as sobre o conceito Gênero, ii) Compressões dos/as Licenciados/as sobre o conceito Sexualidade e iii) Compressões dos/as Licenciados/as sobre o conceito Orientação Sexual. Acadêmicos/as apresentam entendimentos equivocados sobre as terminologias e sinalizam que a Universidade vem abordando pouco essas temáticas durante o processo formativo, ao mesmo tempo, reconhecem a importância de se trabalhar com essas questões nos espaços escolares. A escola é um local de construção e desconstrução de conceitos, onde as mais diversas realidades se encontram, possibilitando que meninos/as aprendam juntos/as. Professores/as necessitam estar preparados para trabalhar com Questões de Gênero e Sexualidade nos espaços escolares, pois essas temáticas vão além da teoria, são pontos que fazem parte da vida e da dignidade das pessoas, situação que merece respeito, atenção e visibilidade nos mais diversos espaços sociais a fim de promover uma sociedade mais igualitária entre homens e mulheres.

**Palavras-chave:** Gênero. Sexualidade. Ciências da Natureza.

## **SUMÁRIO**

INTRODUÇÃO.....	7
METODOLOGIA.....	10
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	11
CONCLUSÃO.....	29
REFERÊNCIAS.....	31

## INTRODUÇÃO

Dentro das instituições de ensino superior (IES) e do ambiente escolar as pluralidades culturais, religiosas, socioeconômicas e as configurações de famílias se encontram trazendo diferentes valores, costumes e crenças e essas instituições precisam estar preparadas para receber toda essa diversidade. As escolas precisam ser locais em que os estereótipos são eliminados e não reforçados, o que significa oferecer aos alunos e alunas as mesmas oportunidades de acesso a métodos de ensino e currículos livres de estereótipos, bem como de orientações acadêmicas sem influência ou reprodução de preconceitos (UNESCO, 2004).

As condições de existência das instituições escolares e acadêmicas estão, certamente, em transformação (como de resto, por seu caráter histórico, estão todas as instituições sociais). A presença maciça das meninas e mulheres nas salas de aula (em algumas instâncias e níveis superando a presença masculina); a maior visibilidade dos sujeitos homossexuais e bissexuais e seu reconhecimento pela mídia; a imposição das discussões sobre sexo e sexualidade, a partir da expansão da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida - AIDS; o aumento das relações afetivas e sexuais fora do casamento formal; a extraordinária revolução das formas e meios de comunicação — todos esses e muitos outros processos estão atravessando a escola. Esses processos rompem antigas barreiras sociais, de tempo e de espaço, promovem contatos com múltiplos sujeitos, saberes, modos de vida, comportamentos e valores, de formas antes impensáveis. Todas as instituições sociais são, necessariamente, afetadas por essas transformações; suas condições de existência alteram-se (LOURO, 1998, p.120).

Diante disso, a escola é o lugar ideal para levantar e promover debates de temáticas que precisam de mais relevância para que a sociedade seja hoje e futuramente mais plural e igualitária. Pensar de que formas estas questões vêm sendo trabalhadas, implica em refletir acerca dessa naturalização, institucionalizada em muitos espaços educacionais como forma de manter a dualidade homem/mulher relacionado à ideia de superior/inferior. Para Machado et.al (2017) a formação docente almejada para as relações de gênero, precisa estar alinhada à ideia de justiça social, perpassando, essencialmente, pela reflexão crítica dos contextos contemporâneos, para que se possa construir a ideia de equidade.

Partindo do entendimento, é importante analisar e refletir sobre,

o que a Universidade vem fazendo no sentido de uma formação que contemple conteúdos e práticas referentes às diversidades sexual e de gênero? Em que medida ela incorporou a discussão destes temas em suas licenciaturas? Estas/es futuras/os profissionais estão aptas/os a realizá-la? (SOUZA, 2008, p. 13).

Segundo Reis (2011), ao analisar a importância dos contextos históricos nas construções sociais e culturais de corpo e gênero, percebe-se a importância da discussão dessas questões na formação de professores da área de Ciências da Natureza, “há vista que o contexto escolar é um fértil terreno de (des)construção e/ou de legitimação de (pre)conceitos relacionados às questões de gênero e de diversidade sexual”. As IES e escolas representam espaços privilegiados de socialização, discussão, reflexão e de tomada de consciência para essa temática, assim como de outros assuntos que permeiam os espaços formativos.

Assim sendo em concordância com Reis (2011) discutir gênero, currículo e formação de professor(a) pressupõe abordar campos fundamentais para o fomento de uma educação verdadeiramente democrática e plural. O grande desafio proposto para a educação é estabelecer conexões entre o que se aprende no espaço acadêmico e escolar e a vida da população brasileira (BRASIL, 1997). Formar a criança e o adolescente para a responsabilidade social de cidadão que participa dos destinos do País como um todo, direcionando a proposta para a busca de soluções. “Mudar mentalidades, superar o preconceito e combater atitudes discriminatórias são finalidades que envolvem lidar com valores de reconhecimento e respeito mútuo, o que é tarefa para a sociedade como um todo. A escola tem papel crucial a desempenhar nesse processo” (BRASIL, 1997, p. 23). Questões de gênero e sexualidade estão presentes em todos os espaços sociais, pois fazem parte da vida e da dignidade de meninos e meninas, para tanto, é urgente a formação de professores no tema Pluralidade Cultural.

Pesquisas ressaltam (LOURO, 2003; QUIRINO, 2014; PEREIRA; MONTEIRO, 2015) que as questões de gênero e sexualidade têm se configurado um desafio recorrente para as escolas e IES, seja por desconhecimento da abordagem transversal da temática, seja por falta de formação dos/as docentes, as/os quais se sentem desconfortáveis e despreparados/as para desenvolver um trabalho pedagógico, principalmente nos primeiros níveis de escolarização. Outra responsabilidade escolar é com a apresentação de conhecimentos científicos, dos conteúdos expressos nos currículos escolares (COSTA; SOUZA, 2016).

Ainda segundo Costa e Souza (2016), a relação com o ensino de Ciências se dá na medida que o campo se torna espaço privilegiado para a abordagem de conteúdos, tais como o corpo humano e reprodução. No entanto, partindo dessa premissa, as práticas

educativas acabam pautando-se somente em um viés biológico, no que diz respeito das anatomias corporais, desconsiderando que este corpo estudado está inserido em dimensões sociais, culturais, afetivas e históricas (COSTA; SOUZA, 2016). Tais perspectivas acerca das questões de gênero e sexualidade em Ciências permite refletir que para além da visão biológica ensinada, faz-se necessária discutir em sua transversalidade, sua construção histórica e social, contribuindo para o respeito acerca das diferenças, combate à discriminação, preconceitos e violências dentro e fora da escola.

A perspectiva de uma nova visão das relações de gênero e sexualidade, pode contribuir para reflexões sobre as práticas educativas, principalmente no ensino das Ciências, haja visto a necessidade da superação de um senso comum pedagógico (DELIZOICOV; ANGOTTI; PERNAMBUCO, 2011). Para Coelho e Campos (2015), é urgente no ensino de Ciências o reconhecimento de significados e sentidos que sustentam a abordagem da temática sexualidade e relações de gênero, em vista a elaboração de novos sentidos que incorporem às discussões de gênero e diversidade sexual. Quirino (2014) ressalta a necessidade da transversalidade da temática, entendendo que por tratar de questões sociais, apresentam natureza distinta das áreas que convencionalmente são respaldadas cientificamente para seu trato, portanto sua complexidade não permite que sejam abordadas por uma área de saber específico.

Assim, pode-se ampliar as possibilidades de atuação profissional de licenciados e licenciadas no que diz respeito a capacidade de enfrentamento dos preconceitos e de tratamento das questões de gênero, sem incorrer no risco de fazer uso de práticas que legitimam estigmas já produzidos, reproduzindo e mantendo estruturas desiguais (JESUS, 2015). A ausência de representações LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais) nos materiais didáticos e nas demais mídias colabora para que a escola não problematize a diversidade sexual e de gênero. “Além disso, embora a formação em gênero e sexualidade seja reconhecida como necessária, ela continua ausente nas licenciaturas e a sua falta nos aponta para uma formação docente inconsistente para as necessidades exigidas pela educação” (BASTOS; CRUZ; DANTAS, 2018, p 61). O objetivo desta pesquisa foi identificar a compressão dos acadêmicos/as de três cursos de Licenciatura da área de Ciências da Natureza sobre questões relacionadas a Gênero e Sexualidade, assim, entendendo a necessidade de levar mais discussões nas Instituições de Ensino Superior e básico sobre Gênero e Sexualidade, mesmo perante o atual cenário brasileiro marcado por discursos conservadores e de ódio do que é tido como “diferente”.

## METODOLOGIA

Essa é uma pesquisa qualitativa em educação (LÜDKE; ANDRÉ, 2001). Desenvolvida em etapas de análise temática de conteúdo, sendo elas: pré-análise, exploração do material e o tratamento dos resultados e interpretação. O estudo foi realizado com os licenciandos que integram os programas de ensino: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID Física e Química e o Programa Residência Pedagógica Multidisciplinar - PRPM da área das Ciências da Natureza, de uma Instituição de Ensino Superior Pública (IES) do Sul do Brasil. Para identificar as compreensões dos/as professores/as em formação inicial sobre gênero e sexualidade foi aplicado o seguinte questionário aos bolsistas dos três projetos (QUADRO 1).

Quadro 1 - Questionário aplicado aos bolsistas participantes da pesquisa

<p>Curso:</p> <p>Fase:</p> <p>Gênero: Feminino ( ) Masculino ( ) Outro ( ) Qual? _____.</p> <p><b>1) O que você entende por Gênero e Sexualidade?</b></p> <p><b>2) O que é para você Orientação Sexual?</b></p>
---

Fonte: CORDEIRO; SANTOS, 2019.

No ano de 2018, a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) lançou os editais N° 7/2018-PIBID e N° 06/2018-Residência Pedagógica. Os referidos programas têm como finalidade inserir licenciandos bolsistas nos seus futuros campo de trabalho, visando qualificar a formação inicial de professores. O novo edital do PIBID tem nova configuração e objetivos, o programa PIBID tem por objetivo promover a iniciação do licenciando no ambiente escolar ainda na primeira metade do curso, visando estimular, desde o início da jornada do docente a observação e a reflexão sobre a prática profissional no cotidiano das escolas públicas de educação básica. Os bolsistas selecionados serão acompanhados por um professor da escola e por um docente de uma das instituições de educação superior participantes do programa (BRASIL, 2018).

Já o Programa de Residência Pedagógica visa induzir o aperfeiçoamento do estágio curricular supervisionado, por meio da imersão do licenciando – que esteja na segunda metade do curso – numa escola de educação básica. A imersão deve contemplar, entre outras ações, regência de sala de aula e intervenção pedagógica. Assim como no PIBID, cada selecionado será acompanhado por um professor da escola com experiência

na mesma área de ensino do licenciando, e por um docente de instituição de educação superior. O lançamento desses dois editais, além de assegurar a continuidade do PIBID, visa o aperfeiçoamento da formação de professores para a educação básica e com a valorização dos cursos de licenciatura (BRASIL, 2018).

Na referida IES em agosto de 2018, iniciaram-se as atividades dos programas de PIBIDs (Química e Física) e Residência Pedagógica Multidisciplinar (RPM), que contam com um total de (101) bolsistas licenciandos/as.

Após esclarecidos e informados sobre a pesquisa, os/as bolsistas foram convidados/as a participar da pesquisa. Responderam ao questionário um total de (63) bolsistas, sendo (20) do PIBID Física; (11); do PIBID Química e (32) do PRPM. Na referida IES também há um projeto de PIBID Biologia, optamos por não o inserir na pesquisa porque o núcleo do PRPM é composto quase que 80% de bolsistas do Curso de Ciências Biológicas - Licenciatura, que estão entre a 5ª e 8ª fases.

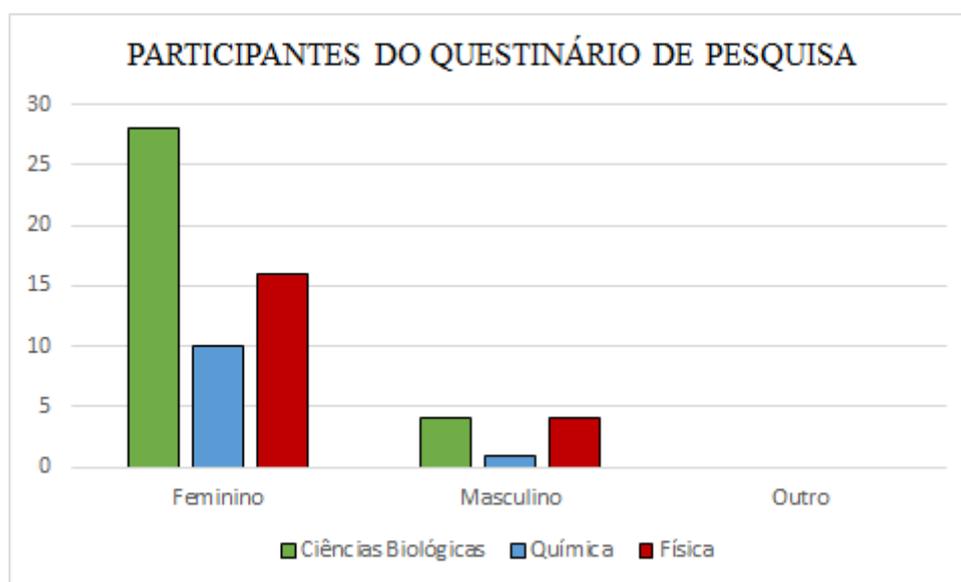
A análise do material empírico se deu a partir da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2009), que se dispõe em três etapas, sendo estas: 1- A pré-análise; 2- A exploração do material; e, por fim, 3 - O tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação. Para resguardar o sigilo e anonimato dos participantes, estes foram identificados da seguinte maneira: Bolsistas do curso de Ciências Biológicas (CB), do curso de Química (Q) e do curso de Física (F). A pesquisa tem parecer favorável do Comitê de Ética, sob o CAAE 72995417.3.0000.5564, Número do Aprovação 2.250.239. Da análise do material emergiram as seguintes categorias: 1º Categoria: Compressões dos/as Licenciadas sobre o conceito Gênero; 2º Categoria: Compressões dos/as Licenciadas sobre o conceito Sexualidade e 3º Categoria: Compressões dos/as Licenciadas sobre o conceito Orientação Sexual.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Conforme apresentado no objetivo, a intenção da presente pesquisa era identificar as compreensões de graduandos e graduandos da área de Ciências da Natureza de uma Instituição de Ensino Superior Pública, referente a Questões de Gênero e Sexualidade. O questionário foi aplicado dentro de dois programas voltados à formação de professores e professoras 1) Residência Pedagógica Multidisciplinar 2) Programa Institucional de

Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) Química e Física, tendo em vista que nos programas se encontram acadêmicos e acadêmicas desde as fases iniciais até as fases finais dos cursos. Responderam o questionário somente os bolsistas que se fizeram presentes no dia da aplicação. O programa Residência Pedagógica conta com 58 bolsistas de três cursos 1) Ciências Biológicas, 2) Química e 3) Física. O questionário foi aplicado dentro do PRPM apenas para os acadêmicos e acadêmicas do curso de Ciências Biológicas, totalizando 32 pessoas, sendo 28 do gênero feminino e 4 do gênero masculino. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) Química conta com 20 bolsistas, no dia da aplicação do questionário estavam presentes 11 bolsistas, sendo 10 do gênero feminino e 1 do gênero masculino. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) Física conta com 23 bolsistas, no dia da aplicação do questionário estavam presentes 20 bolsistas, sendo 16 do gênero feminino e 4 do gênero masculino. Ao total 63 pessoas participaram da pesquisa, sendo 54 do gênero feminino e 9 do gênero masculino (GRÁFICO 1).

Gráfico 1 - Participantes do questionário de pesquisa.



Fonte: Autoras, 2019.

A diferença entre pessoas do gênero feminino e do gênero masculino que responderam o questionário é bastante notável, isso pode estar ligado diretamente ao fato de que mulheres são a maioria nos cursos de licenciaturas. Segundo o Ministério da Educação (MEC), os dados mais recentes do Censo da Educação Superior, referentes a 2017 apontam que 70,6% das matrículas nos cursos de licenciatura são do sexo feminino. A opção 'outro' fazendo referência a gênero que constava no questionário não foi

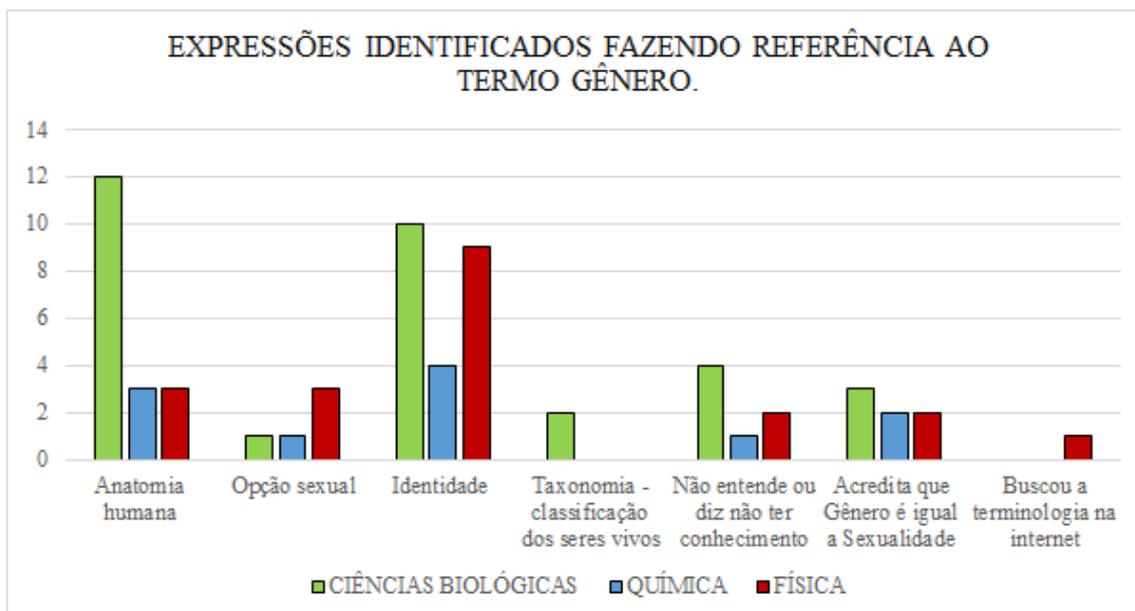
sinalizada por parte dos sujeitos pesquisados. Um ponto que merece atenção é a notável diferença entre a participação feminina e masculina no curso de licenciatura em Física, tendo em vista que dentro das Ciências, a Física ainda é um curso em que a participação das mulheres tem sido mais lenta. Alguns estudos (COSTA, 2008; CHASSOT, 2003) apontam que, até hoje, a participação das mulheres nas ciências é pequena. No que concerne a Física, “a percentagem de mulheres pesquisadoras tem sido a menor registrada em todos os campos associados às ciências exatas” (COSTA, 2008, p. 3). A seguir serão apresentadas as categorias que emergiram deste estudo i) Compressões dos/as Licenciados/as sobre o conceito Gênero; ii) Compressões dos/as Licenciados/as sobre o conceito Sexualidade e iii) Compressões dos/as Licenciados/as sobre o conceito Orientação Sexual.

#### i) **Compressões dos/as Licenciados/as sobre o conceito Gênero.**

A partir do questionário, obtivemos algumas informações sobre os/as participantes da pesquisa e os seus conhecimentos em relação às Questões de Gênero e Sexualidade. Para obter essas informações, dividimos o questionário em duas perguntas abertas: 1) O que você entende por Gênero e Sexualidade?; 2) O que é para você Orientação Sexual?

A partir do levantamento de dados buscamos estabelecer algumas relações de aproximação das compreensões dos/as licenciandos/as sobre Gênero. Em relação a pergunta número 1) O que você entende por Gênero e Sexualidade? Foram identificadas sete (7) entendimentos de análise para o termo **GÊNERO**, sendo 1) Anatomia humana; 2) Opção sexual; 3) Identidade; 4) Taxonomia - classificação dos seres vivos; 5) Não entende ou diz não ter conhecimento da terminologia; 6) Acredita que Gênero e Sexualidade são termos com o mesmo significado; e 7) Buscou a terminologia na internet. O gráfico a seguir apresenta as expressões identificadas fazendo referência ao termo Gênero e o número de respostas relacionadas a cada um deles. Foram selecionadas as respostas mais relevantes para compor a análise dos dados.

Gráfico 2 - Termos identificados fazendo referência ao termo gênero.



Fonte: Autoras, 2019.

Analisando o gráfico 2, verificamos que 18 dos/as acadêmicos/as acreditam que o termo gênero está relacionado à “Anatomia humana”, sendo 12 do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, 3 do curso de Licenciatura em Química e 3 do curso de Licenciatura em Física. Isso pode ser percebido a partir das respostas a seguir:

*“Gênero é designado para a construção social do sexo biológico, homem tem pênis e mulher tem vagina”(CB1) “Gênero entendo que é o que diferencia o corpo de homens e mulheres”(Q3) e ‘O gênero em meu entendimento compreende em sentido biológico uma dimensão genética, conferindo das duas opções possíveis masculino e feminino’(F1).*

Analisando o gráfico 2, para cinco (5) dos acadêmicos/às o termo gênero está relacionado à “OPÇÃO SEXUAL”, sendo (1CB/1Q/3F). Isso pode ser percebido nas respostas a seguir:

*“Compreende por gênero quando uma pessoa se respeita e é respeitada pela opção sexual a qual ela se identifica”(CB13) “Gênero seria a opção sexual de cada indivíduo, o gênero também pode ser entendido pelo que diferencia as pessoas na sociedade”(Q4), e ‘Entendo que gênero é a opção sexual que o sujeito escolhe ser, por exemplo, os sujeitos homossexuais e também as lésbicas (eu por exemplo escolhi ser*

*homossexual pela capacidade que os sujeitos tem ao enfrentar a sociedade com a cabeça erguida, e também pelo preconceito da sociedade sobre esses sujeitos)’’(F5).*

Vinte e três (23) dos acadêmicos/as atribuem o termo Gênero à ‘‘Identidade’’, sendo (10CB/4Q/9F). Isso pode ser percebido nas respostas a seguir:

*‘‘Gênero é o que diferencia socialmente as pessoas, homens e mulheres, o gênero é uma identidade que pode ser construída e desconstruída’’(CB15), ‘‘Gênero e’ como a pessoa se reconhece, identifica e se entende, além de como a pessoa se apresenta na sociedade’’(CB16) ‘‘ Gênero é como a pessoa se identifica na sociedade’’(Q5), ‘‘Gênero é utilizado para definir a nossa origem sobre a identidade do nosso sexo’’(Q6), ‘‘Gênero é como você se auto identifica de acordo com o seu consentimento’’(F8) e ‘‘Gênero é como a pessoa se reconhece, feminino, masculino, trans, entre outros’’(F9).*

A compreensão sobre Gênero de 2 licenciados de Ciências Biológicas está relacionada a ‘‘Taxonomia’’ conforme expressam em suas respostas;

*‘‘Gênero = tipo ou classe’’(CB21), ‘‘Gênero=Classe’’(CB22).*

Sete (07) dos acadêmicos/as ‘‘Não entendem a terminologia’’, sendo (4CB/1Q/2F). Isso pode ser percebido nas respostas a seguir:

*‘‘Não tenho nada formado, mas creio que isso é pessoal de escolha própria, temos diferentes gêneros’’(CB23), ‘‘Entendo pouco sobre o assunto’’(CB24), ‘‘Na verdade eu não consigo entender ou falar sobre gênero e sexualidade’’(CB25), ‘‘Gênero masculino e feminino de acordo com a definição ‘‘tradicional’’ pode ser sinônimo de sexo’’(Q8) e ‘‘Sei que um é o que a pessoa se identifica (hetero ou homo) e o outro é o sexo original da pessoa’’(F11).*

Para sete (7) dos acadêmicos/as o termo ‘‘Gênero é igual a sexualidade’’, sendo (3CB/2Q/2F) esse entendimento parte do princípio de que os acadêmicos/as utilizaram a mesma resposta para justificar termos diferentes, assim, não delimitaram se a resposta fazia referência ao termo Gênero ou ao termo Sexualidade. Isso pode ser percebido nas

respostas a seguir:

*“São a opção sexual de cada um”(CB26), “São termos que usamos ao pensarmos na identidade de alguém (F13), “É a posição que cada indivíduo apresenta perante a sociedade”(Q9) e “Gênero e Sexualidade são os definidores do que a pessoa se identifica”(F14).*

A partir das análises, verificamos que um (01) acadêmico/a do curso de Licenciatura em Física, buscou o termo na internet. Conforme expressa em sua resposta:

*“Gênero é o termo utilizado para designar a construção social do sexo biológico”(F15).*

Percebemos que muitos acadêmicos/as trazem consigo compreensões e visões tendenciosas em relação ao termo “gênero” ou até não conseguem elaborar uma definição. A justificativa a esse fato pode estar ligada a diversos fatores como a mídia, família, sociedade e a falta de espaços no âmbito social, escolar e acadêmico para debater questões relacionadas ao assunto, assim, ressaltamos a importância de a Universidade refletir sobre a inclusão dessas temáticas nos cursos de formação de professores/as. Um ponto positivo que merece atenção é o fato de que a maioria dos sujeitos da pesquisa relacionaram o termo Gênero ao entendimento que faz referência à identidade, o que segundo estudiosos da área dos estudos de Gênero e Sexualidade segue uma visão correta.

O conceito de gênero veio contrapor-se ao conceito de sexo. Se este último se refere às diferenças biológicas entre homem e mulher, o primeiro diz respeito à construção social e histórica do ser masculino e do ser feminino, ou seja, às características e atitudes atribuídas a cada um deles em cada sociedade. O que quer dizer que agir e sentir-se como homem e como mulher depende de cada contexto sócio-cultural (LOURO, 1997). Segundo Louro (1997), é a partir das feministas anglo-saxãs que gênero passa a ser usado como distinto de sexo. Visando “rejeitar um determinismo biológico implícito no uso de termos como sexo ou diferença sexual” elas desejam acentuar, através da linguagem, “o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo” (SCOTT, 1995, p.72). “O gênero é o primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 15). Louro (1997), afirma que o conceito serve, assim, como uma ferramenta analítica que é, ao mesmo tempo, uma ferramenta política. A autora

também afirma que:

Ao dirigir o foco para o caráter “fundamentalmente social”, não há, conteúdo, a pretensão de negar que o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas. Como diz Robert Connell (1995, p.189) ‘no gênero, a prática social se dirige aos corpos’. O conceito pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas ou, então, como são ‘trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico’ (LOURO, 1997, p. 22).

“A pretensão é, então, entender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos” (LOURO, 1997, p 24). No campo da educação em Ciências e da Saúde, Robert Stoller, em 1968 no livro “*Sex and Gender*”, introduziu a palavra gênero para diferenciar do termo sexo, que estava tão somente associado às condições biológicas. Joan Scott em 1989 atribui aos primeiros movimentos feministas o uso do termo “Gênero” que relacionado como uma categoria e que demarcava, naquela época, os espaços políticos e da luta contra a opressão masculina. Para Scott, a expressão “gênero faz parte de uma tentativa empreendida pelas feministas contemporâneas para reivindicar um certo terreno de definição, para insistir sobre a inadequação das teorias existentes em explicar as desigualdades persistentes entre as mulheres e os homens” (SCOTT, 1990, p. 13). A autora afirmava que:

Mais recentemente – recentemente demais para que possa encontrar seu caminho nos dicionários ou na enciclopédia das ciências sociais – as feministas começaram a utilizar a palavra “gênero” mais seriamente, no sentido mais literal, como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos (SCOTT, 1990, p. 2).

O movimento feminista do ano de 1960 contribuiu para modificar as relações entre os sexos. Para Cruz (2014, p.34):

Com a compressão de gênero sendo dissociado do determinismo biológico, através dos estudos produzidos na segunda onda feminista, e com a inspiração do pensamento de Michel Foucault e Jaques Derrida, foi sendo constituída uma perspectiva de gênero denominada pós-estruturalista. A meu ver, o que faz a compressão de gênero, nesta perspectiva, ocupa um lugar de elemento organizador das relações e do próprio corpo. Seria uma espécie de “projeto”, iniciado no momento em que se descobre o sexo do bebê ainda no ventre materno, e que implica investimentos contínuos para sua (re)produção e manutenção. Há toda uma expectativa projetada sobre esse futuro homem, ou essa futura mulher.

Segundo Bonetti 2016, dentro dos estudos históricos no campo do feminismo/gênero o que se aponta é que há uma pluralidade de correntes teóricas

feministas, que refletem o pluralismo das formas de compreender a constituição das formações sociais e seus sistemas de produção de desigualdades, que afetam homens e mulheres. Ainda segundo a autora, Gênero é um conceito, uma categoria de análise própria desse acúmulo de fatores, que foi criado como uma ferramenta para compreender a constituição das desigualdades baseadas na diferença sexual para entender por que razão, em determinadas configurações sociais e históricas, essas diferenças são transformadas em desigualdades. “O termo gênero é bastante complexo, o que permite que seja definido e redefinido” (PRAUN, 2011, p.57). A pretensão é então, entender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos Louro (1997, p. 24). Seguindo o pensamento da autora:

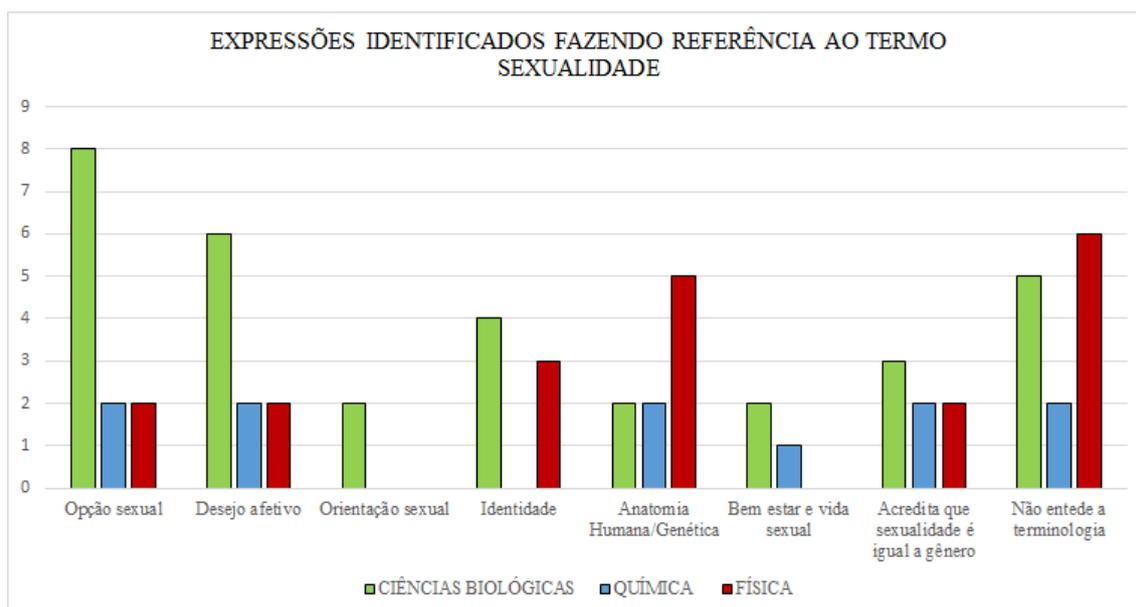
É aqui que nos vemos frente a outro conceito complexo, que pode ser formulado a partir de diferentes perspectivas: o conceito de identidade. Numa aproximação às formulações mais críticas dos Estudos Feministas e dos Estudos Culturais, compreendemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias. Assim, o sentido de pertencimento a diferentes grupos - étnicos, sexuais, de classe, de gênero, etc. - constitui o sujeito e pode levá-lo a se perceber como se fosse “empurrado em diferentes direções”, como diz Stuart Hall (1992, p.4) Ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a idéia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o. Nessa perspectiva admite-se que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros. Estas práticas e instituições “fabricam” os sujeitos. Busca-se compreender que a justiça, a igreja, as práticas educativas ou de governo, a política, etc. são atravessadas pelos gêneros: essa s instâncias, práticas ou espaços sociais são: “generificados” - produzem-se ou “engendram-se”, a partir das relações de gênero (mas não apenas a partir dessas relações, e sim, também, das relações de classe, étnicas, etc).

A abordagem de gênero possibilitou a discussão das relações de poder entre meninos e meninas, homens e mulheres e explicitou a construção da desigualdade entre os gêneros na história das sociedades (LOURO, 1996). A partir da análise do termo “Gênero” sinalizamos a importância de entender e discutir nos diversos espaços sociais, escolares e IES sobre essa temática. O gênero faz parte da vida das pessoas e é essencial entender o significado da terminologia para refletir e desconstruir alguns preconceitos.

## ii) Compressões dos/as Licenciados/as sobre o conceito Sexualidade.

Em relação ao termo **SEXUALIDADE** foram identificadas oito (8) entendimentos para análise, sendo 1) Opção sexual; 2) Desejo afetivo; 3) Orientação sexual; 4) Identidade; 5) Anatomia humana ou genética; 6) Bem estar e vida sexual; 7) Acredita que Sexualidade e Gênero são termos com o mesmo significado e 8) Não entende a terminologia.

Gráfico 3 - Expressões identificadas fazendo referência ao termo sexualidade.



Fonte: Autoras, 2019.

Analisando o gráfico 3, verificamos que 12 dos acadêmicos/as acreditam que o termo sexualidade está relacionado à “Opção Sexual”, sendo (8CB/2Q/2F). Tal compreensão pode ser averiguada nas seguintes respostas:

“A sexualidade envolve as escolhas de relações afetivas das pessoas”(CB29), “Sexualidade é o que a pessoa decide por sua escolha, ou seja, ela é mulher, mas devido a sua sexualidade ela escolheu ser o que quiser”(Q1), “Sexualidade é a opção que a pessoa escolhe ser, tipo o gênero que ela se identifica”(Q8), “Sexualidade é a opção de escolha”(F16) e “Sexualidade é com qual gênero a pessoa escolhe se relacionar afetivamente”(F17).

Para 10 dos acadêmicos/as o termo sexualidade está relacionado à “Desejo afetivo”, sendo (6CB/2Q/2F).

*“Sexualidade para mim, está relacionada com questões afetivas, com questões de desejos, isto é, por quem o indivíduo se interessa”(CB2) e “Sexualidade eu penso como os ‘interesses’ sexuais e afetivos de cada um, bem como a pessoa se entende e comporta intimamente”(CB16), “Sexualidade é a decisão em que gênero de humano optamos por nos relacionar”(Q6) e “A Sexualidade envolve as práticas do ser humano, suas escolhas afetivas, etc”(F15).*

“Orientação sexual” foi outro termo utilizado por 2 acadêmicos/as do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas para definir Sexualidade.

*“A sexualidade refere-se a orientação sexual”(CB12) e “Sexualidade é gay, bi, hétero, lésbica que você se ‘descobre’ com o passar do tempo”(CB3).*

Sete (07) dos acadêmicos/as acreditam que sexualidade está relacionado à “Identidade”, sendo 4 do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas e 3 do curso de Licenciatura em Física.

*“Sexualidade é o sexo que a pessoa quer se expressar socialmente”(CB5), “Sexualidade é o que você se identifica”(CB8), “Sexualidade humana, assim como a de outras animais, é complexa e diversificada, existindo em um aspecto de preferências para escolha do parceiro sexual, sendo a não escolha uma das preferências. Portanto, o ser humano naturalmente se identifica com um sexo”(F1), “Sexualidade é a forma que a pessoa se sente ou se identifica”(F19) e “Sexualidade: Questão de conhecer a si mesmo, seu corpo, seus gostos, desejos, e não está ligado ao gênero e sim aquilo em que a pessoa sente e ‘quer’(F20).*

Para nove (09) participantes entrevistados/as o termo sexualidade está relacionado à “Anatomia humana/genética”, sendo (2CB/2Q/5F). Conforme expressam em suas escritas:

*“Sexualidade compreendo por ser o sexo designado pela genética masculino e feminino”(CB13), “Sexualidade é como ser homem ou mulher, biológico”(Q10) e “Sexualidade é o que a genética nos define”(F4).*

Quando inquiridos sobre suas compreensões sobre Sexualidade, 3 dos acadêmicos/as relacionam o termo a “Bem-estar e vida sexual”, sendo (2CB/1Q).

*‘Sexualidade não tem só a ver com sexo, e sim com o corpo, estar bem com nosso corpo e principalmente com nosso gênero escolhido’(CB23) e ‘Sexualidade entendo que é sobre conhecer seu próprio corpo e sobre como os outros devem tratá-los’(CB32) e ‘Sexualidade é o ato de ter relações sexuais’(Q2)*

Para sete (07) acadêmicos/as a “Sexualidade é igual a gênero”, esse entendimento parte do princípio de que os acadêmicos/as utilizaram a mesma resposta para justificar termos diferentes, assim, não delimitaram se a resposta fazia referência ao termo Gênero ou ao termo Sexualidade, sendo (3CB/2Q/2F). Isso pode ser percebido nas seguintes respostas:

*‘Gênero e Sexualidade é como as pessoas se identificam na sociedade’(Q5) e ‘São termos que devemos usar ao pensarmos na identidade de alguém’(F14).*

Dos sessenta e três (63) entrevistados, 13 acadêmicos/as responderam que “Não compreendem a terminologia ou não responderam”(5CB/2Q/6F), tais entendimentos podem ser identificados nas respostas a seguir:

*‘Entendo pouco sobre o assunto’(CB24) e ‘Na verdade eu não consigo entender ou falar sobre gênero e sexualidade’(CB 25)*

A partir das respostas dadas ao questionário, identificamos que os licenciandos/as, futuros/as professores/as possuem compreensões e visões errôneas sobre o termo Sexualidade, assim como as questões de Gênero, a Sexualidade também é um assunto considerado tabu por muitos e muitos. Infelizmente a mídia e alguns discursos políticos acabam reproduzindo conteúdos equivocados com a finalidade de ridicularizar ou manipular uma visão e um entendimento errôneos sobre essas temáticas, outro ponto a ser considerado e que merece atenção é o fato de que a maioria dos/as acadêmicos/as entrevistados/as relataram não saber o significado do termo ou relacionam a sexualidade a opção sexual, assim, tratando a sexualidade como opção. Segundo os Parâmetros

Curriculares Nacionais (PCN) de 1997, a sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental dos seres humanos. “Seguindo esse pensamento, a sexualidade é entendida como algo inerente, que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento” (BRASIL, 1997, p. 117).

Segundo Feitosa e Callou 2011, além disso, sendo a sexualidade construída ao longo da vida, encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito. Indissociavelmente ligado a valores, o estudo da sexualidade reúne contribuições de diversas áreas, como Antropologia, História, Economia, Sociologia, Biologia, Medicina, Psicologia e outras mais. “Se, por um lado, sexo é expressão biológica que define um conjunto de características anatômicas e funcionais (genitais e extragenitais), a sexualidade é, de forma bem mais ampla, expressão cultural” (BRASIL, 1997, p.117). Cada sociedade cria conjuntos de regras que constituem parâmetros fundamentais para o comportamento sexual de cada indivíduo (BRASIL, 1997, p. 117).

Os sujeitos podem exercer a sexualidade de formas plurais. É importante atentar para o fato de que grande parte dos discursos sobre gênero de algum modo incluem ou englobam as questões de sexualidade (MAC AN GHAILL, 1996). “Antes de avançarmos, no entanto, talvez seja importante tentar estabelecer algumas distinções entre gênero e sexualidade, ou entre identidades de gênero e identidades sexuais” (LOURO, 1997. p.25). Segundo a mesma autora:

Apenas mais recentemente alguns estudiosos e estudiosas estão buscando um refinamento nas análises, acentuando algumas distinções que podem ser importantes. Ao longo de seus estudos, Jeffrey Weeks (1993, p 6) afirma inúmeras vezes que “a sexualidade tem tanto a ver com as palavras, as imagens, o ritual e a fantasia com o corpo”. Compartilhando da posição de muitos outros estudiosos e estudiosas, ele fala da impossibilidade de “compreender” a sexualidade observando apenas seus componentes ‘naturais’(...), esses ganham sentido através de processos inconscientes e formas culturais”(p.21). Se Foucault foi capaz de traçar uma História da Sexualidade (1998), isso aconteceu pelo fato de compreendê-la como uma visão social” ou seja, por entender que ela se constitui a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, que normatizam, que instauram saberes, que produzem “verdades” (LOURO, 1997, p. 26).

Atualmente, a sexualidade humana é definida como uma dimensão biológica produzida no contexto social, cultural e histórico, no qual o sujeito se encontra inserido (CARVALHO, RODRIGUES; MEDRADO, 2005). Assim, recebe forte influência do

convívio social e cultural na construção da significação para o sujeito. A sexualidade teve ao longo da história uma série de significações, sendo influenciada pelas necessidades do contexto histórico (MAROLA; SANCHES; CARDOSO, 2011). Louro (1997), afirma que:

Observamos que os sujeitos podem exercer sua sexualidade de diferentes formas, eles podem “viver seus desejos e prazeres corporais” de muitos modos (Weeks, apud Britzmann, 1996). *Suas identidades sexuais* se constituíram, pois, através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sexos ou sem parceiros/as. Por outro lado, os sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos ou femininos e assim constroem suas identidades de gênero. Ora, é evidente que essas identidades (sexuais e de gênero) estão profundamente inter-relacionadas; nossa linguagem e nossas práticas muito frequentemente as confundem, tornando difícil pensá-las distintivamente. No entanto, elas não são a mesma coisa. Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres etc). O que importa aqui considerar é que - tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade - as identidades são sempre *construídas*, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento - seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade - que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja “assentada” ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, possíveis de transformação (LOURO, 1997, p.27).

“Nenhuma identidade sexual, mesmo a mais normativa, é automática, autêntica, facilmente assumida; nenhuma identidade sexual existe sem negociação ou construção” (BRITZMAN, 1996, p.74). “A sexualidade “normal” é a heterossexual; mais do que isso, ela é concebida como a única forma “natural” de sexualidade” (LOURO, 2000, p.41). Tudo o que não segue essa normalidade é visto com estranheza e anormal. Homens e mulheres homossexuais ou bissexuais estão fora da norma, são desviantes, doentes ou pervertidos. “A referência heterossexual também marginaliza aquelas e aqueles que vivem a sua sexualidade sozinhos, sem parceiros, ou que transitam de uma forma de sexualidade à outra” (LOURO, 2000, p.41). Percebemos que a sexualidade faz parte da vida dos sujeitos, mas muitos e muitas acabam não sabendo o significado do termo e mesmo assim, a partir de visões tendenciosas e distorcidas reproduzem o preconceito contra pessoas que são “diferentes” do que segue o padrão heteronormativo, que é o padrão onde somente relações heterossexuais são aceitas como normais na sociedade. Cada pessoa tem a sua sexualidade e isso não deve ser tratado como uma escolha, uma opção, mas sim como algo que faz parte do ser humano, isso sinaliza respeito, atenção e mais espaços de fala sobre essas questões no âmbito social e acadêmico. “A sexualidade sempre foi uma questão que despertou dúvidas e a curiosidade das pessoas, a forma como

se relacionam, com quem, o que as atrai, qual o objeto de seu desejo, etc., porém, questões como essas ainda são consideradas como tabus para alguns” (MELO, SOBREIRA, 2018, p. 367) . “Falar sobre sexo, gênero e orientação sexual além de possibilitar debates, desmistificação de preconceitos e paradigmas serve como orientação, uma vez que no imaginário coletivo ainda habitam alguns mitos e inverdades sobre essas temáticas” (MELO, SOBREIRA, 2018, p. 367).

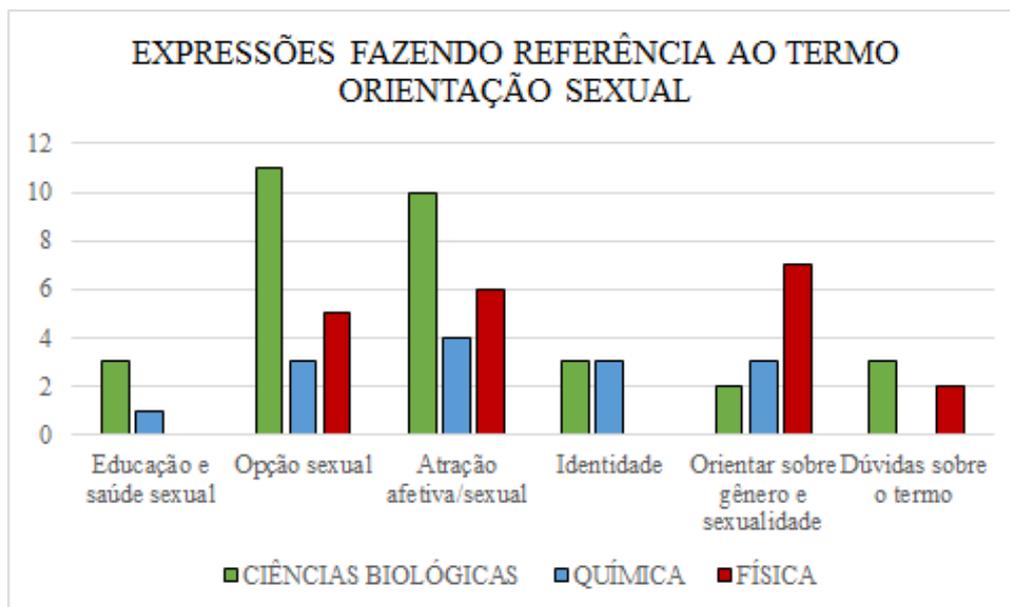
Percebemos que a Sexualidade está longe de ser uma opção de cada sujeito, assim, concluímos que a maioria das respostas obtidas no questionário referente a essa questão apresentam entendimentos equivocados e isso pode refletir em diversos aspectos no contexto escolar, acadêmico e social. A Sexualidade faz parte de todos os sujeitos, mas pouco se ouve falar sobre isso na universidade e nas escolas.

A homofobia é uma conjuntura de ódio, desprezo e preconceito ligado a Orientação Sexual de cada pessoa e isso está diretamente ligado a Sexualidade, assim, vale a pena refletir o seguinte ponto: Será que as pessoas que reproduzem a homofobia sabem o que significa Orientação Sexual? É lamentável pensar e acreditar que é possível que pessoas reproduzem o preconceito sobre algo que as mesmas apresentam uma compressão que foge do sentido real. A Sexualidade e a Orientação Sexual andam lado a lado, assim, na próxima categoria de análise buscamos verificar as compressões dos acadêmicos/as referentes ao termo Orientação Sexual.

### iii) **Compressões dos/as Licenciados/as sobre o conceito Orientação Sexual**

Em relação ao termo **ORIENTAÇÃO SEXUAL** foram identificadas oito (6) compreensões para análise, sendo 1) Educação e Saúde Sexual; 2) Opção Sexual; 3) Atração Afetiva/Sexual; 4) Identidade; 5) Orientar sobre Gênero e Sexualidade e 6) Dúvidas sobre o termo.

Gráfico 4 - Expressões identificados fazendo referência ao termo orientação sexual.



Fonte: Autoras, 2019.

Quando os/as licenciandos/as são inquiridos/as sobre seus entendimentos acerca de “Orientação Sexual”, verificamos que 4 dos/as acadêmicos/as relacionam a “Educação e saúde sexual”, sendo (3CB/1Q). Isso pode ser percebido nas respostas a seguir:

*“É o ensino sobre várias questões, como: doenças, tratamento e cuidados com o corpo” (CB20) e “É você saber sobre sexo, ser orientado sobre o uso de camisinha e doenças transmitidas por sexo” (Q8).*

Para dezenove (19) dos/as acadêmicos/as Orientação Sexual está relacionado à “Opção sexual”, sendo (11CB/3Q/F5):

*“Muitas vezes a orientação sexual é julgada pela sociedade, mas quem define a orientação sexual é a própria pessoa, vai de cada um fazer a escolha, pois muitas vezes o corpo biológico não corresponde com a cabeça e as emoções” (CB5) e “Orientação sexual tem a ideia de permitir a compreensão de que o homossexual escolheu sentir o desejo que sente e portanto poderia ter optado por ser heterossexual. Se fosse uma opção, os heterossexuais também poderiam ser homossexual” (F5)*

Analisando o gráfico 4, identificamos que para dezessete (17) dos/as acadêmicos/as a Orientação Sexual é relativo a “Atração sexual/afetiva”, sendo

(CB9/4Q/4F). Conforme expressam em suas respostas:

*“É o desejo sexual, atração sexual por pessoas de sexo diferente, mesmo sexo, etc”*(CB8) e *“É a preferência pelo qual gênero cada um tem. Cada pessoa é atraída por gênero, e isso se encaixa na sua orientação sexual”*(Q4).

Outro entendimento de Orientação sexual está relacionado a “Identidade”, como expressaram seis dos acadêmicos/as entrevistados/as (3CB/3Q).

*“Orientação é aquilo com que você se identifica, como gay, lésbica, trans...”*(CB3) e *“É o que cada pessoa vê em si o que deseja, de quais pessoas quer se relacionar, o que não é um padrão, como ‘gay’, ‘lésbica’ ou ‘bi’, pois cada pessoa tem o direito de ser o que quiser e se relacionar com quem quiser*(CB3).

Para doze (12) dos acadêmicos/as Orientação Sexual está relacionado à “Orientar sobre gênero e sexualidade” (2CB/3Q/7F):

*“Orientação Sexual é informar sobre a sexualidade, o que ela envolve, sem discriminar ou tentar fazer com que o indivíduos reprima suas preferências sexuais, é orientar e auxiliar os sujeitos na descoberta e aceitação da sua sexualidade* (F17) e *“Compreender as questões voltadas para gênero e sexualidade, respeito pelo outro, não é ensinar a fazer sexo, jamais, é mais voltado para questões éticas, cuidados com o corpo e respeito* (F19).

Quando questionados sobre o entendimento sobre orientação sexual, cinco (05) (3CB/2F) acadêmicos citam que “Apresentam dúvidas sobre o termo”, conforme podem ser vistas nas escritas a seguir:

*“Confesso que tenho dúvidas sobre o termo, mas entendo que seja referente ao desejo por homem ou mulher”*(F20) e *“No meu ponto de vista não se refere ao ato sexual, orientação sexual em relação ao nosso corpo, nossa higiene, métodos contraceptivos, não sei”*(CB23).

Percebemos que a maioria dos acadêmicos/as associam o termo “orientação sexual” ao fato de escolha, tratam a orientação sexual como uma opção individual de cada pessoa. É “um equívoco dizer que se trata de uma opção sexual, pois não depende de escolhas conscientes nem pode ser aprendida” (BRASIL, 2011, p.15). “Orientação sexual se refere à atração por alguém de algum gênero” (MELO, SOBREIRA, 2018, p. 385). Conforme Brasil (2004, p. 29):

[...] atração afetiva e/ou sexual que uma pessoa sente pela outra. A orientação sexual existe num *continuum* que varia desde a homossexualidade exclusiva até a heterossexualidade exclusiva, passando pelas diversas formas de bissexualidade. Embora tenhamos a possibilidade de escolher se vamos demonstrar, ou não, os nossos sentimentos, os psicólogos não consideram que a orientação sexual seja uma opção consciente que possa ser modificada por um ato da vontade.

Em conformidade com Rios e Piovesan (2001), orientação sexual é a identidade que se atribui a alguém em função da direção da sua conduta ou atração sexual, “se está se dirige a alguém do mesmo sexo, denomina-se de orientação homossexual; se, ao contrário, a alguém do sexo oposto denomina-se heterossexual, se pelos dois sexos, de bissexual” (MELO, SOBREIRA, 2018, p. 368). “Dessa maneira, a orientação sexual está relacionada ao sentido do desejo sexual do indivíduo, se pelo mesmo sexo, pelo oposto ou por ambos” (MELO, SOBREIRA, 2018, p. 368).

A partir das análises das respostas podemos inferir que um número expressivo dos/as acadêmicos/as apresenta compreensões equivocadas sobre o termo Orientação Sexual. Todo ser humano possui uma Orientação Sexual, cada pessoa sabe por qual sexo ela sente atração física, emocional e sexual. Concluímos que grande parte dos acadêmicos/as não sabem que a Orientação Sexual faz parte de suas vidas e que isso é o reflexo da Sexualidade de cada um e cada uma. É lastimável perceber que muitas pessoas não sabem definir algo que faz parte de suas realidades, de suas vidas e até dos seus sentimentos. Criar espaços na universidade, na escola e na sociedade é fundamental para debater temáticas envolvendo Gênero e Sexualidade, as pessoas precisam ter mais acesso à esse tipo de discussão e informação, pois são pontos que fazem parte da vida do ser humano.

A partir dessa análise podemos fazer uma reflexão panorâmica da sociedade de maneira em geral. Será que as pessoas que reproduzem preconceitos ligados a Sexualidade sabem definir o que significa Orientação Sexual? Essas temáticas são tratadas como opiniões de senso comum no âmbito social e isso pode ser apenas uma das inúmeras influências na reprodução desses preconceitos. Saber o significado da

terminologia é essencial para entender a própria sexualidade e respeitar a sexualidade do outro. Precisamos construir e desconstruir algumas visões e compreensões de terminologias que fazem parte da vida do ser humano e, assim, criar caminhos para uma sociedade que saiba respeitar e conviver com a diversidade sexual.

### **Gênero, Sexualidade, Universidade e Escola.**

Os ambientes acadêmico e escolar são espaços fundamentais para promover debates sobre a igualdade de gênero e o respeito à diversidade sexual, mas os/as professores/as necessitam estar preparados para abordar estas temáticas num viés multidisciplinar, tendo em vista que esses assuntos são fundamentais na construção de uma sociedade democrática e plural.

De acordo com Louro (2004, p. 81) “a sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se despir”. Desse modo, não levar para o ambiente acadêmico e escolar essa discussão é o mesmo que negar as plurais identidades de gênero e de orientação sexual (RIZZATO, 2010).

Afinal, é ‘natural’ que meninos e meninas se separem na escola para os trabalhos em grupos e para as filas? É preciso aceitar que ‘naturalmente’ a escolha dos brinquedos seja diferenciada segundo o sexo? Como explicar, então, que muitas vezes eles e elas se ‘misturem’ para brincar ou trabalhar? É de esperar que os desempenhos nas diferentes disciplinas revelam as diferenças de interesse e aptidão ‘características’ de cada gênero? Sendo assim, teríamos que avaliar esses alunos e alunas a partir de critérios diferentes? Como professoras de séries iniciais, precisamos aceitar que os meninos são ‘naturalmente’ mais que as meninas? E quando ocorre uma situação oposta à esperada, ou seja, quando encontramos meninos que se dedicam a atividades mais tranquilas e meninas que preferem jogos mais agressivos, devemos nos ‘preocupar’, pois isso é indicador de que esses/as alunos/as estão apresentando ‘desvios’ de comportamento? (LOURO, 1998, p. 63-64).

Segundo a mesma autora, currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação são, seguramente, loci das diferenças de gênero, sexualidade, etnia e classe são constituídos por essas distinções e, ao mesmo tempo, seus produtores.

Dentro da sala de aula o discurso por parte do/da docente deve contemplar meninos/as da mesma maneira, pois esse local é um espaço fundamental para promover a igualdade e o respeito entre homens e mulheres. Todas essas dimensões precisam, pois,

ser colocadas em questão. É indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos nossos/as alunos/as dão ao que aprendem. (LOURO, 1998, p.64). Para Louro, temos de estar atentas/os, sobretudo, para nossa linguagem, procurando perceber o sexismo. A escola tem sido, nesse sentido, e desde a educação infantil, um espaço onde a sexualidade é construída, educada, vigiada, normatizada e, assim, a escola está “engajada em desenvolver determinados tipos de identidades consideradas como as mais adequadas para meninos e meninas” (FELIPE; GUIZZO, 2004, p. 35. Nesse sentido, o ambiente acadêmico e escolar são espaços formativos fundamentais na construção e desconstrução de conceitos.

## CONCLUSÃO

Questões de Gênero e Sexualidade são temáticas bastantes polêmicas no âmbito social, cultural e político. A mídia, os discursos políticos, a forma tradicional do pensamento são apenas alguns dos exemplos que constroem uma visão e um discurso tendencioso e comprometedor sobre Gênero e Sexualidade. Escutamos que Questões de Gênero e Sexualidade são 1) maneiras de ensinar crianças a se tornarem homossexuais; 2) maneiras de induzir crianças ao ato sexual; 3) maneiras de acabar com a família; 4) maneiras de induzir o incesto; 5) maneiras de induzir o menino a ser menina ou a menina a ser menino; 6) maneiras de induzir o ato sexual explícito; 7) maneiras de induzir relações sexuais sem preservativos. Esses são apenas alguns dos pontos que são reproduzidos a partir dos discursos nos mais diversos espaços. Mas o que realmente significa Questões de Gênero e Sexualidade? Percebemos a partir deste trabalho que um número expressivo de acadêmicos/as apresentou uma pluralidade de termos para definir essas temáticas. Quando falamos de Gênero a maioria dos acadêmicos/as relacionaram o termo a palavra “Identidade” o que a partir do referencial teórico percebemos que se aproxima da discussão. Quando falamos de Sexualidade e Orientação Sexual a maioria dos acadêmicos/as relacionaram os termos a “opção sexual” ou não souberam responder, a partir do referencial teórico percebemos que a Sexualidade não é uma opção e muito menos deve ser tratada nesse sentido.

A Universidade inclui esse tipo de discussão nos seus cursos voltados a formação de professores e professoras da área de Ciências da Natureza? Percebemos que muito pouco, grande parte dos acadêmicos/as do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas

e Licenciatura em Química responderam que já ouviram falar sobre Questões de Gênero e Sexualidade na sua formação de maneira breve a partir dos componentes curriculares de temas Contemporâneos da Educação, temas Transversais na Educação ou a partir da fala de colegas em palestras ou minicursos. A maioria dos acadêmicos/as do curso de Licenciatura em Física responderam que não ouviram falar sobre Questões de Gênero e Sexualidade na sua formação e quando ouviram foram em palestras fora da Universidade. Será que os professores/as formadores/as sabem abordar essas questões nas suas práticas pedagógicas e na formação de futuros professores/as? Será que a formação dos mesmos contemplou essas temáticas? Precisamos pensar. Quando os acadêmicos e acadêmicas foram questionados em relação a trabalhar com Questões de Gênero e Sexualidade no ambiente escolar a maioria se posicionou a favor e isso é um ponto extremamente positivo, pois futuros professores/as reconhecem que essas Questões fazem parte da vida dos sujeitos desde a infância e que a adolescência é uma fase da vida onde as dúvidas são constantes, uma formação voltada para essas Questões é sinônimo de estar preparado diante de assuntos que envolvem a dignidade das pessoas. Existe uma grande resistência em relação a Questões de Gênero e Sexualidade no ambiente escolar, mas também existe luta e pessoas comprometidas que reconhecem a importância e o verdadeiro significado de incluir essas discussões nos espaços escolares. A escola é um ambiente de construção e desconstrução de conceitos. É dentro do espaço escolar que as realidades, diferenças, pluralidades culturais, diversidades de classe, religião, etnias e configurações de famílias se encontram. Crianças e adolescentes a partir das diferenças de realidades podem aprender a partir do contato com outras visões panorâmicas de mundo.

Questões de Gênero e sexualidade no ambiente escolar vão além de visões tendenciosas ou distorcidas, a partir da inclusão dessas temáticas surgem uma diversidade de assuntos que podem ser abordados com a finalidade promover uma sociedade mais digna, incluir essas temáticas possibilitam 1) Ensinar crianças a desde cedo respeitar homens e mulheres da mesma maneira; 2) Ensinar que ninguém tem o direito de bater no outro com a finalidade de alertar sobre a violência de gênero, pois há relatos de crianças e adolescentes denunciando em sala de aula casos de violência contra mulher; 3) Ensinar que um adulto não tem o direito de tocar no corpo de uma criança ou de um adolescente, pois há relatos de crianças e adolescentes denunciando em sala de aula casos de abuso sexual, já que muitas vezes um adulto manipula a criança para não contar à mãe; 4) Ensinar que todas as identidades merecem respeito e atenção; 5) Ensinar que todas

configurações de famílias merecem atenção e respeito, pois família é onde existe amor; 6) Criar espaços de fala sobre Gênero, Sexualidade e Orientação Sexual, já que muitas vezes em casa as famílias não abordam essas discussões com seus filhos e filhas; 7) Criar espaços de falar sobre o corpo e dúvidas levantados pontos como estupro, gravidez indesejada e métodos contraceptivos, já que muitas vezes em casa as famílias não abordam essas discussões com seus filhos e filhas; e 8) Levar dados estatísticos sobre violência contra a mulher, feminicídio, violência contra LGBT a fim de sensibilizar a reflexão. Esses são apenas alguns dos pontos que podem ser levantados a partir dessas temáticas. Percebemos que Questões de Gênero e Sexualidade estão em todos os espaços da sociedade, pois fazem parte da vida e da dignidade das pessoas.

A partir das análises conclui-se que as questões sobre gênero e sexualidade estão sendo pouco trabalhadas na formação de professores/as, apenas em uma disciplina de maneira breve e por outras acadêmicas a partir de palestras e minicursos. Os licenciandos e licenciandas reconhecem a importância de se trabalhar com Questões de Gênero e sexualidade, isso sinaliza que os três cursos de Licenciatura necessitam de mais espaços para discutir essas temáticas durante o processo de formação de professores/as.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, D.B, CRUZ I.S, DANTAS, C. C. M, **Gênero e sexualidade na escola** - Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2018.

BARDIN, L. **Análise de conteúdos**. Lisboa: 1977

BONETTI, A.L. Entre armadilhas ideológicas e confusões propositais: reflexões sobre a polêmica em torno da "ideologia de gênero". In: SILVA, Fabiane Ferreira da; BONETTI, Alinne de Lima; DANTAS, Marilu. **Gênero, Interseccionalidades e Feminismo: Desafios Contemporâneos para a Educação**. São Leopoldo: Oikos, 2016. Cap. 3. p. 47-62.

BRASIL, **Ministério da Educação**. Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Brasília, MEC/SEF. 1997.

BRASIL. **Conselho Nacional de Combate à Discriminação**. Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil\\_sem\\_homofobia.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf)>. Acesso em 02 nov. de 2019.

BRASIL. **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior**. Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID chamada pública para

apresentação de propostas edital nº **7/2018**. 2018. Disponível em: <<https://www.capes.gov.br/images/stories/download/editais/01032018-Edital-7-2018-PIBID.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

BRASIL. **Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde**. Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais. Adolescentes e jovens para uma educação entre pares: diversidades sexuais. Brasília: Ministério da Saúde, v. 8, 2011a.

BRASIL. **PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA**: Chamada Pública para apresentação de propostas no âmbito do Programa de Residência Pedagógica. 2018. Disponível em: <<https://capes.gov.br/images/stories/download/editais/01032018-Edital-6-2018-Residencia-pedagogica.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

BRITZMAN, D. O que é essa coisa chamada amor. Identidade homossexual, educação e currículo. **Educação e Realidade**. Vol. 21 (1), jan/jul.1996.

COELHO, L. J; CAMPOS, L.M.L. Diversidade sexual e ensino de ciências: buscando sentidos. **Revista Ciência e Educação**. Bauru, v. 21, n. 4, 2015. p. 893-910.

COLLING, L. A igualdade não faz o meu gênero: em defesa das políticas das diferenças para o respeito à diversidade sexual e de gênero no Brasil. *Revista Contemporânea*, V. 3, N. 2. Universidade Federal da Bahia- UFBA. Salvador, 2013.

CONNELL, R. **Políticas da masculinidade. Educação e Realidade**. Vol.20 (2) jul/dez. 1995.

COSTA, P.N; SOUZA, J. C. R. de. SEXUALIDADE E GÊNERO E ENSINO DE CIÊNCIAS: BUSCANDO NOVOS SENTIDOS. **III Coned**, Natal, p.1-10, 6 out. 2016. Disponível em: <[http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO\\_EV056\\_M D1\\_SA11\\_ID11939\\_17082016225830.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_M D1_SA11_ID11939_17082016225830.pdf)>. Acesso em: 14 jun. 2019.

CRUZ, E. da. **Gênero e currículo: problematizando essa relação nos cursos de formação inicial de docentes**. 2019. 135 f. Tese (Doutorado) - Curso de Mestrado em Educação, Universidade do Vale dos Sinos, Porto Alegre, 2015.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J.A.; PERNAMBUCO, M.M. **Ensino de Ciências: fundamentos e métodos**. – 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

DIAS, A.F. Representações sociais de Gênero no trabalho docente: sentidos e significados atribuídos ao trabalho e a qualificação. Vitória da Conquista (BA): EDUESB, 2014.

FEITOSA, C. H.; CALLOU, V.T. Educação Sexual: Algumas reflexões. Id on Line **Revista de Psicologia**, Fevereiro de 2011, vol.1, n.13, p.32-41. ISSN 1981-1189.

FELIPE, J; GUIZZO, B.S. Entre batons, esmaltes e fantasias. In: MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**. Vol 1: A vontade de saber 11ªed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FRANÇA, F. F. **A contribuição dos estudos de gênero à formação docente**: uma proposta de intervenção. 2009. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

HALL, S. A questão da identidade cultural. In Hall, S., Held, D. & McGrew T(orgs.) **Modernity and its futures**. Cambridge: Polity/Open University, 1992.

HEBERLE, V. M; OSTERMANN, A.C; FIGUEIREDO; D. C. Linguagem e gênero no trabalho, na mídia e em outros contextos. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2006. **SEXUALIDADE, GÊNERO E SUAS RELAÇÕES DE PODER**. São Luís - MA: Húmus, v. 1, 2011. Anual. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/1641>. Acesso em: 31 out. 2019.

JESUS, J.G. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. 2ª edição – revista e ampliada. Brasília, 2012.

JESUS, R. M. B. Onde está o gênero na formação docente? Algumas reflexões iniciais sobre as relações de gênero e cursos de licenciatura em Eletromecânica. In: EDUCERE, 2015, CURITIBA. **ANAIS EDUCERE**, 2015.

LOPES, B. S. O ENSINO DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES. In: 13º MUNDOS DE MULHERES & FAZENDO GÊNERO, 11., 2017. **Anais eletrônicos**. Florianópolis: Fazendo Gênero, 2017. p. 1 - 12. Disponível em: [http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1497836421\\_ARQUIVO\\_FazendoGenerorevisado.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1497836421_ARQUIVO_FazendoGenerorevisado.pdf). Acesso em: 02 nov. 2019.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação** – Uma perspectiva pós-estruturalista. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação**: Uma perspectiva. Pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997

\_\_\_\_\_, G.L. “Nas redes do conceito de gênero”. In: LOPES, M. J. D.; MEYER, D. E.; WALDOW, V. R, (orgs.). **Gênero e saúde**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1996.

\_\_\_\_\_, G.L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2, p. 17-23, mai./ago. 2008. informação. Madrid: Editorial Trotta, 2001.

\_\_\_\_\_, G.L. **Gênero, sexualidade e educação** – uma perspectiva pós-estruturalista. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: Epu, 2001.

MACHADO, J. B.; DA LUZ, J.R.B. ; FARIAS, V.M. . Gênero e formação de professores: por uma prática pedagógica crítica e reflexiva. In: 13º **Mundo das Mulheres e Fazendo Gênero** 11, 2017, Florianópolis. 13º Mundo das Mulheres e Fazendo Gênero 11, 2017.

MAROLA, C. A. G.; SANCHES, C. S. M.; CARDOSO, L. M. Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências. **Psic. da Ed.**, São Paulo, v. 33, p. 95-118, 2. sem. 2011

MELO, T. G. R.; SOBREIRA, M. V, S. IDENTIDADE DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL: PERSPECTIVAS LITERÁRIAS. **Temas em Saúde**, João Pessoa, v. 18, n. 3, p.366-388, 2018. Disponível em: <http://temasemsaude.com/wp-content/uploads/2018/09/18321.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2019.

PEREIRA, Z. M.; MONTEIRO, S. Gênero e Sexualidade no Ensino de Ciências no Brasil: Análise da Produção Científica. **Revista Contexto e Educação**. Editora Unijuí. Ano 30. Nº 95. Jan/Abr. 2015. p. (117-143).

QUIRINO, G. S; ROCHA, J. B. T. Sexualidade e educação sexual na percepção docente. **Educar em Revista**, [s.l.], n. 43, p.205-224, mar. 2012. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-40602012000100014>.

REIS, G. L. O Gênero e a Docência: uma análise de questões de gênero na formação dos (as) professores(as) do curso Normal Médio do Instituto de Educação Euclides Dantas. In: I Encontro dos Programas de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2011, Salvador.

RIZZATO, L.K. PROFESSORES, Professoras e as questões de gênero, sexualidade e homofobia na escola: articulações com formação docente continuada. **Fazendo Gênero**, Santa Catarina, v. 9, n. 9, p.1-10; ago. 2010. Disponível em: [http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1290711448\\_ARQUIVO\\_MicrosoftWord-ARTIGOFAZENDOGENER0926-6-2010FINALIANEKELENRIZZATOII.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1290711448_ARQUIVO_MicrosoftWord-ARTIGOFAZENDOGENER0926-6-2010FINALIANEKELENRIZZATOII.pdf). Acesso em: 18 jun. 2019.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 2-22, 1990.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade**. Vol. 20 (2), jul/dez. 1995.

SILVA, A.T ; TORRES, I.C . Formação de professores em Diversidade Sexual e Gênero no Amazonas. In: 17º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas Sobre a Mulher e Relações de Gênero - REDOR, 17., 2012, João Pessoa. **Anais**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012. p. 1- 8. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/view/12/180>>. Acesso em: 23 mar. 2019.

SILVA, S.G. O conflito identitário: sexo e gênero na constituição das identidades. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**. São Paulo, v. 10, n. 1, p. 71-85. 1999

SOUZA, L.C. Gênero e sexualidade na formação de docentes em Biologia. **Trabalho de Conclusão de Curso**, Curitiba, p.6-58, 2008. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/cienciassociais/files/2012/06/SOUZA-Leandro-Corsico1.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2019.

STOLLER R. *Sex and gender: the development of masculinity and femininity*. New York: Science House; 1968.

UNESCO. **Educação para Todos: Gênero e Educação para Todos. O salto para a Igualdade.** Relatório global de EPT 2003/2004. São Paulo: Moderna, 2004.

WEEKS, J. **El malestar de la sexualidad Significados, mitos y sexualidades modernas.** Madrid: Talasa, 1993.